

RAZÃO E HISTÓRIA

TESE DE LICENCIATURA DE
VITORINO MAGALHÃES GODINHO



Trata-se duma obra que serviu ao autor como dissertação para licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas na Universidade de Lisboa e portanto para remate duma carreira escolar. E o que, em primeiro lugar, a valoriza, é a sua comparação com os trabalhos que em geral servem para êste acto. De facto, a pobreza intelectual dos nossos estudantes atinge aí a sua mais lamentável expressão. Mas valorizá-la dessa maneira corresponderia afinal a depreciá-la: o livro de Magalhães Godinho está muito acima dêsse ambiente e tem de ser olhado, e com justiça, como se tivesse outras pretensões mais sérias.

Vejamos o seu conteúdo. «A questão — dis-nos o autôr — desdobra-se em duas faces duma só medalha: existirá uma estrutura *a priori* da razão, sempre a mesma através de tôdas as experiências, de todos os indivíduos, de tôdas as civilizações? Podemos compreender o devir? Por outras palavras: a razão terá uma história? e compreenderá a história?» E' êste o assunto da tese e a justificação do seu título. E compõe-se o livro de três capítulos fundamentais: *O Mito dos Dois Mundos, A Ciência e a Lógica Formal, O Esquema da Identificação e a História da Razão.*

No primeiro capítulo, Magalhães Godinho analisa a contradição entre Opinião e Ciência, entre as necessidades racionais do sistema do mundo e os dados sensíveis que

êle fornece, problema que foi a questão máxima a que se elevou o sabêr helénico, o fundamento da crítica eleática, o problema chave legado por esta escola a tôdas as que se lhe seguiram. Ele encontra-se bem definido e serve ao autor para tôda uma evocação da ciência grêga. Contudo, para nós, o que há de mais interessante nesse capítulo é a filiação histórica das dificuldades em que se debate a filosofia no seu primeiro grande ensaio de se assenhorear do mundo. Essas páginas são realmente magníficas quer na fixação do pormenor quer na afirmação dum sentido de historiar em tudo ao nível da melhor ciência histórica moderna. Sentimo-nos tentados a transcrever uma amostra se a escola se não se tornasse difícil pela equivalência de valôr de tôdas as passagens.

A ciência grega, pelo seu isolamento das fainas productivas, que por sua vêz resultava das condições sociais ligadas ao trabalho escravo, não poude ir até ao experimentalismo. O saber conservou um carácter de desprendimento em relação às suas possíveis aplicações. A única utilidade em que ainda se comprazia, foi o duma elevação moral dos homens (identificação da ciência e da virtude), e isto apesar do significativo da lenda de Tales, um dos sete sábios da Grécia, *que tinha previsto um eclipse.* O próprio Aristóteles, na *Metafísica*, pergunta: «A ciência à qual